
Docência: uma tradição familiar

Teaching: a family tradition

*Eliana Gasparini Xerri**

Resumo: O presente texto sistematiza os resultados de um estudo prosopográfico desenvolvido na disciplina Prática de Pesquisa – Pesquisando a Cultura Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Maria Helena Câmara Bastos, no curso de Doutorado, da Faculdade de Educação da PUCRS. Os estudos prosopográficos são recorrentes na análise de grupos familiares de diferentes setores, tais como: política, economia e medicina, mas não são comuns na docência, objeto de investigação deste trabalho. Assim, empregando-se uma metodologia em que se mistura, conforme apresenta Sandra Maria Amaral (2005), a breve biografia com a prosopografia, realizou-se um estudo de caso da docência na família Guadagnin. Dos dezessete filhos de Luiz e Elisa Guadagnin, nove optaram pela docência, sendo seguidos por 28 netos. É sobre esse *corpus* que se buscou fazer um levantamento das características

Abstract: This paper gathers the results of prosopographical study developed within the course Research Practice – Researching Culture in School, under the guidance of professor Maria Helena Câmara Bastos in the doctoral program in Education at PUCRS. Prosopographical studies are frequent in the analysis of family clusters in different areas, such as Politics, Economy and Medicine, but they are not common in the area of teaching, the aim of this paper. A method that combines both brief biographical data and prosopography – as presented by Sandra Maria do Amaral (2005) – was used for a case study of the Guadagnin family. Nine of the seventeen children of Luiz and Elisa Guadagnin chose teaching as their occupation, followed by 28 grandchildren. This was the corpus for the search of common characteristics in the group. Photographs, school records, and oral reports by the

* Professora no curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em História do Brasil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutoranda em Educação pela PUCRS.

básicas comuns nesse grupo. Fotos, registros escolares e relatos orais de seus descendentes foram os recursos empregados para o referido estudo. As conclusões acabam por revelar que a história de vida profissional desse grupo familiar funde-se com a própria história da educação, mais especificamente, a da cultura de imigração italiana, revelando as práticas escolares comuns de determinadas épocas. Afora isso, o prestígio social atrelado à profissão também aparece como um dos resultados da escolha da profissão pelos descendentes de Luiz Guadagnin.

Palavras-chave: Prosopografia. Educação. Docentes.

descendants were the sources for the study. Conclusions point out that the professional life of the family intertwines with the history of education in the Italian immigration culture itself, by revealing common school practices in a given time. Furthermore, the study signals to the social prestige associated to the profession of teaching as one of the reasons of the choice by the descendents of the Guadagnin family.

Keywords: Prosopography. Education. Teaching.

A profissão docente na família Guadagnin e a relação com a experiência de vida de um educador primário por mais de 36 anos é o tema deste artigo. Nesse sentido, na busca de compreender melhor a presença da profissão de professor na família, fiz uso de escritos pessoais do professor Luiz Guadagnin, que foi docente no interior da Serra gaúcha desde o início do século XX e que legou essa profissão a seus descendentes. Ainda fiz uso de alguns registros de escola, fotografias, apoio bibliográfico e relatos orais de seus descendentes. O método empregado é um amálgama entre uma breve biografia e uma prosopografia, que, como explica Amaral (2005, p. 16), é “um levantamento das características básicas comuns de um grupo de indivíduos por meio do estudo coletivo de suas vidas”. Colabora com o entendimento sobre o método da prosopografia os escritos de Cruz (2002), quando o remete ao século XIX e salienta que por algum tempo esse foi considerado de segunda importância, mas que, recentemente, um novo olhar tem despertado a atenção sobre ele e o seu uso, que define:

Basicamente o método prosopográfico define um universo de pessoas a ser estudado e propõe um conjunto de questões sobre seu perfil e atuação, que incluem dados sobre nascimento e morte dos indivíduos, laços de casamento e parentesco, origens sociais e posição econômica herdada, local de residência, educação, montante das fortunas pessoais ou familiares, ocupação, religião trajetória política, experiência profissional. (p. 34).

Stone, em artigo divulgado na revista *Daedalus*, 1971, qualifica o método como sendo a investigação das características básicas comuns a um grupo de indivíduos na história por meio do estudo coletivo de suas vidas. (Apud CRUZ, 2002).

Para Heinz (2006, p. 65), “a prosopografia busca revelar as características comuns (permanentes ou transitórias) de um determinado grupo social em dado período histórico”. Corrobora também para o entendimento dos estudos prosopográficos Charle (2006) ao explicar que

seu princípio é simples: definir uma população a partir de um ou vários critérios e estabelecer, a partir dela, um questionário biográfico cujos diferentes critérios e variáveis servirão à descrição de sua dinâmica social, privada, pública, ou mesmo cultural, ideológica ou política, segundo a população e o questionário em análise. (p. 41).

Os estudos prosopográficos, normalmente, voltam-se a grupos privilegiados da sociedade. É razoavelmente comum encontrarmos estudos dessa natureza relacionados à participação política de determinada família, ou mesmo sobre a importância econômica do grupo familiar num contexto histórico. No entanto, é incomum estudos prosopográficos a respeito de um grupo familiar que optou pela educação. Trabalhos sobre grupos menos privilegiados apenas recentemente têm sido elaborados. Nesse norte, Charle (2006) aponta:

Fora das elites, outros grupos sociais que começam a ver sua história social renovar-se a partir de seu interior graças a biografias coletivas: classes médias, e, cada vez mais, as classes populares através de suas elites militantes, mas igualmente de histórias de vida de suas testemunhas privilegiadas – estão longe de ser completamente conhecidos. (p. 46).

Além da questão prosopográfica, as ideias referentes ao docente e à docência são pertinentes neste trabalho. Essas devem considerar características próprias dos contextos históricos que a envolveram e envolvem. Dessa forma, Nóvoa (1988) anota:

Assim a história da profissão docente é indissociável do lugar que seus membros ocupam nas relações de produção e do papel que desempenham na manutenção da ordem social. Os professores não vão somente responder a uma necessidade social de educação, mas também criá-la. A grande operação histórica da escolarização jamais teria sido possível sem a conjugação de vários fatores de ordem econômica e social, mas é preciso não esquecer que os agentes desse empreendimento foram os professores. (p. 75-76).

Portanto, considerando os contextos da docência, as características e as ideias sobre prosopografia, o trabalho se dedica à observação da família do Professor Luiz Guadagnin e seus descendentes professores, seja os que se prepararam por meio de educação formal para a profissão, seja os educadores voluntários, isto é, aqueles que auxiliavam o pai na profissão ministrando aulas, corrigindo tarefas, catequizando. Para tanto, é necessário contextualizar brevemente o grupo, pois, como afirma Julia (2001),

para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar, em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimento e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização. (p. 10).

Foram 36 anos dedicados à alfabetização de crianças e adultos, profissão iniciada em 1918 quando as adversidades para a formação educacional eram acentuadas. Escrever sobre o Professor Luiz Guadagnin, ou *Luigi*, como era chamado pelos familiares, representa um gesto de afeto e de coragem.

Luiz nasceu em 26 de fevereiro de 1894 e faleceu em 21 de janeiro de 1970. Era o mais velho dos dezessete filhos do casal de imigrantes Giacomo e Cecilia Morello Guadagnin, sendo que seu pai veio para o Brasil com 18 anos, fugindo do recrutamento do Serviço Militar Italiano. Giacomo era alfabetizado e, ao se fixar no interior de Alfredo Chaves, atual Veranópolis, tornou-se agricultor e auxiliava os vizinhos ensinando-

os a ler e a escrever e escrevendo em nome desses aos parentes residentes na Itália.

Ribeiro, ao analisar escolas italianas de zona rural no Rio Grande do Sul, escreve que “os professores, imigrantes italianos, não tinham senão o domínio da língua trazida da Itália. Ensinavam na fala dialetal da região de origem”. (2004, p. 149). É nesse cenário que Giacomo, agricultor-professor, se inseria prestando significativo, mas incipiente trabalho na ação de educar. No entanto, demonstrou atenção e importância ao ensino, incentivando os filhos a estudarem, embora não tivesse a mesma preocupação com as filhas, pois, de acordo com os aspectos culturais da época, essas deveriam somente saber ler e escrever o fundamental para sua vida e se preparar para o matrimônio. Se desejassem seguir com os estudos, deveriam dedicar-se à vida religiosa. Sobre a atenção dedicada aos estudos, Firléia Guadagnin Radin (1998) registrou:

A seus filhos homens, ele tratou de oferecer o estudo. Seu filho mais velho Luigi Giovanni, estudou em uma das 17 escolas municipais que havia, então, espalhadas pelo interior, podendo-se dizer que eram todas católicas, pois os professores e alunos assim o eram, e contavam com o apoio da Igreja em sua manutenção. (p. 83).

O primeiro contato que o Professor Luiz teve com a educação, digamos formal, foi em uma escola particular italiana na pequena comunidade rural onde residia. Estudou até o quinto ano, e tendo concluído os estudos ali oferecidos, passou a frequentar a escola em Cotiporã, onde foi convidado pelo Professor Jacinto Silva para ser professor. Prestou exames e passou a dedicar-se à tarefa de educar.

Encontramos aqui indícios de como eram essas escolas. A primeira, associa-se à Escola Particular Italiana que, conforme Ribeiro (2004), é fruto da ausência de um sistema escolar público, posto que

a falta de um sistema escolar público capaz de prover as áreas rurais que estavam sendo colonizadas, obrigou os colonos a tomar outras iniciativas na criação de escolas. Em muitas localidades da RCI, a escolarização inicia com escolas particulares isoladas, sob a regência de um colono mais instruído ou que tivesse tido alguma experiência escolar na Itália. [...] O local de funcionamento das escolas isoladas italianas era, geralmente, a própria casa do professor. (p. 124).

A segunda experiência ocorreu em uma escola pública, que, segundo o relato de Ribeiro (2004), é resultado de ações das comunidades:

Várias foram as razões do interesse dos colonos pela escola pública: a primeira, que já analisamos, diz respeito ao esforço e à dificuldade que representava, para os colonos, manter a escola e, principalmente, pagar o professor; a segunda, é que nem todas as localidades tinham um colono instruído e que se dispusesse a dar aulas. Nesse caso, sem aula particular e sem escola pública, os colonos se viam privados de instrução para os filhos. (p. 152).

Traçadas algumas fases que constituíram a formação educacional do Professor Luiz, é mister caracterizar sua atuação docente.

Luiz Guadagnin tornou-se professor em 1918, ano de seu casamento, quatro anos antes de Nova Prata – RS, se emancipar. Casado com Elisa Didoné, passaram a residir na mesma casa, onde funcionava a escola, ali permanecendo até o nascimento de sua segunda filha, quando o salário de professor estadual permitiu que comprasse as primeiras terras e construísse sua própria casa.

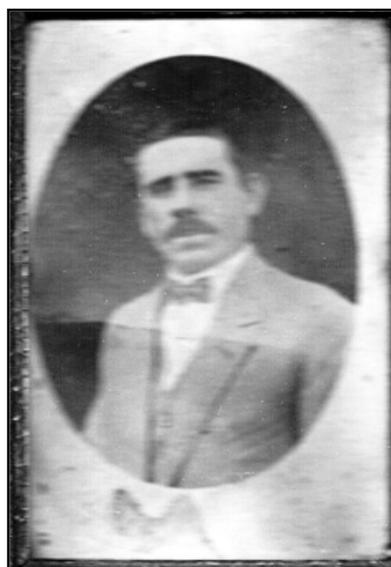


Figura 1: Professor Luiz Guadagnin
Fonte: Acervo da família.

No início de sua carreira, lecionava em três comunidades do interior, dividindo o tempo da seguinte forma: de manhã, lecionava na Capela do Gramado; das 12 às 15 horas, trabalhava na Capela de São Belim; das 16 horas em diante, na Capela da Linha Garibaldi. Essas comunidades pertenciam ao primeiro distrito de Alfredo Chaves, que era Capoeiras atual Nova Prata. Quando se tornou professor estadual, passou a ministrar aulas apenas na Capela de São Belim e, ao perceber o considerável número de adultos analfabetos, passou a ensiná-los, de forma voluntária, em sua casa, no período noturno. Nos sábados à tarde e quando precisava se dirigir à sede do município, se hospedava em um hotel e aproveitava para alfabetizar os funcionários, sendo remunerado com refeições e hospedagem.

As turmas de alunos do Professor Luiz Guadagnin eram numerosas, mistas e multisseriadas. Os registros escolares a que tive acesso dão conta de faixas etárias diversas numa mesma série e trazem também anotações sobre frequência, promoção para a série seguinte, condição de alfabetizado ou não e dados pessoais, como filiação, sempre constando o nome do pai e se esse era brasileiro ou estrangeiro.



Figura 2: Escola denominada Aula Dr. Félix Engel Filho, na Capela do Gramado. Ao centro está o intendente municipal; à sua direita, o Professor Luiz Guadagnin; ao lado esquerdo, um dos pais, todos cercados pelos alunos.

Fonte: Acervo da família.

Os dados descritos no livro de chamada da aula estadual regida pelo Professor Luiz Guadagnin, na Linha Borges de Medeiros, Capela de São Belim, de Nova Prata, no ano de 1943, atesta que a distância da escola até a sede do município era de 6 km, o prédio tinha 74,75m², 17 bancos, 65 alunos, patente sem mictório, pátio para recreio nas dimensões 50mx50m e não havia pavilhão para a prática de ginástica. Na terceira página do mesmo livro, encontram-se dados estatísticos, como segue:

Matriculados com menos de 9 anos: 20
Com 9 a 11 anos: 27
Com mais de 11 anos: 18
Repetentes no fim do ano: 11 alunos
Quanto à nacionalidade dos pais no ano de 1943:
Brasileiros: 61, sendo 32 masculinos e 29 femininos
Estrangeiros: 2

Todos eram brancos e seguidores da Religião Católica Apostólica Romana.

O nível cultural dos pais apresentava: 2 totalmente analfabetos;
14 alfabetizados, sendo 7 pais e 7 mães;
50 com instrução primária .

Com uma família numerosa, composta por dezessete filhos e seguindo o exemplo de seu pai, alfabetizou todos e dedicou especial interesse ao permitir que os homens continuassem seus estudos. Aos que não o fizeram, comprou terras em municípios onde elas eram de custo menor. Às filhas, além dos ensinamentos de leitura, escrita e quatro operações matemáticas, ofereceu um singelo enxoval em preparação para o casamento. Os filhos que se dedicaram aos estudos receberam as condições para fazê-lo, não recebendo outro benefício financeiro, uma vez que era significativamente oneroso mantê-los longe de casa.

Com origem no interior de pequeno município da Serra gaúcha e tendo como meio de subsistência a agricultura, a pecuária e o salário de professor, os descendentes de Luiz Guadagnin acabaram por dar prosseguimento a essas práticas.

Dos dezessete filhos alguns se dedicaram a atividades primárias, outros a profissões liberais enquanto um número significativo optou pela profissão de educador. Mesmo entre os profissionais liberais e agricultores, quase todos, em determinadas fases de sua vida, trabalharam

como professores. Ou seja, a primeira filha, Luiza, não casou e auxiliou na criação dos irmãos; Genovefa também não constituiu família, mas auxiliava o pai na profissão, corrigindo trabalhos, dando aula quando o pai estava doente e sendo professora de catequese; Longino, além de advogado, foi professor e de seus dez filhos cinco também são professores; Ana era auxiliar de seu pai, catequista, e de seus doze filhos, três são professores; Jacob optou pela agricultura, teve cinco filhos e nenhum é professor, mas uma neta é professora; Francisco também é agricultor, mas três de seus sete filhos são professores, bem como um neto; Santo deu aulas para os colegas na firma, onde trabalhou, e cinco de seus seis filhos são professores, além de dois netos; Avelino era agricultor, teve sete filhos sendo uma filha professora; Eugênio é agricultor, teve quatro filhos sendo que nenhum optou pela docência, à exceção de uma neta; Maria F. Terezinha trabalhou como agricultora e auxiliava o pai a ensinar matemática, teve quatro filhas sendo uma professora; Roque era agricultor e fundador de uma cooperativa sendo professor de seus colegas na mesma, teve cinco filhos e desses uma é professora além de uma neta; Mário, além de jornalista e advogado, era professor e de suas duas filhas, uma é professora de piano; Gema foi professora de catequese e auxiliava o pai na tarefa de ensinar; Lourdes teve quatro filhos, e nenhum optou pelo magistério; Ignez, enquanto era solteira, auxiliava seu pai nas atividades de docência, foi agricultora e operária, teve duas filhas professoras; Edmundo é professor, e seus três filhos também o são; Carlos é veterinário e, no início de sua profissão, foi também professor, teve três filhos, sendo um professor. (Anexo A).



Figura 3: Filhos de Luiz Guadagnin

De pé da esquerda para a direita: Luiza, Eugênia, Ana, Longino, Jacob, Francisco, Santo. Sentados a partir da esquerda: Maria F, Gema, Lourdes, Igenes, Edmundo, Elisa (tendo no colo Carlos), Luiz, Mário, Roque, Eugênio e Avelino.

Fonte: Acervo da família.

Finalizando, a profissão de professor na família de Luiz Guadagnin é passado e presente, acompanhou as práticas de rigidez no ensino com o uso de palmatória, silêncio absoluto em sala de aula, metodologias alicerçadas na ideia de que o professor é o transmissor, e o aluno, o receptor. Caminhou com as mudanças legais e os costumes da época e chegou ao início do século XXI, deixando traços de novas metodologias, novas práticas e, entre os descendentes, a percepção de que a atuação do pai e do avô Luiz foi importante e para muitos influenciadora na opção profissional. Como nos lembra Abrahão (2004),

diferentemente, no processo de interpretação das informações utilizamos uma concepção em que as categorias de sujeitos são entendidas como espaço de enunciação, em que os elementos pertinentes vão se desenhando na medida da relação das narrativas com seus contextos. (p. 205).

Nessa perspectiva, retomando a abordagem dada a este artigo “Docência: uma tradição familiar”, pode-se pensar nos múltiplos e variados elementos que influenciam nossas escolhas profissionais, bem como nas esclarecedoras informações obtidas através da análise

prosopográfica utilizada nesta pesquisa, que nos levou a conhecer não apenas a trajetória de vida aqui descrita, mas também o contexto histórico-social em que se desenvolveu.

Que a enunciação desses sujeitos permita não apenas contextualizar e, de certa forma, narrar feitos dessa família, mas que instigue ao aprofundamento de novos saberes a respeito dessa e de outras prosopografias de educadores.

Referências

- ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Org.). *A aventura (auto)biográfica: teoria e empiria*. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.
- _____. *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: Edipucrs/Eduneb, 2006.
- ALMEIDA, Dóris B. A educação rural como processo civilizador. In: BASTOS, Maria Helena; STEPHANOU, Maria. *Histórias e memórias da educação no Brasil: século XX*. Petrópolis: Vozes, 2005. v. 3.
- AMARAL, Sandra Maria. O teatro do poder: as elites políticas no RS na vigência do Estado Novo. 2005. Tese (Doutorado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2005.
- DENZIN, Norman; LINCOLN, Yvonna et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FERREIRA, Tânia Maria T. B. da C. História e prosopografia. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 10., 2002, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2002.
- GUZZELLI, César Augusto Barcellos et al. (Org.). *Questões de teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2000.
- HEINZ, Flavio M. (Org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas: Editores Associados, n. 1, 2001.
- LOPEZ, Eliane M. T.; FARIA, Luciano M. Filho; VEIGA, Cynthia G. (Org.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- RADIN, Firléia Guadagnin. *História da Família Guadagnin*. Nova Bassano, 1998.
- RIBEIRO, Liane Beatriz Moretto. *Escolas italianas em zona rural do Rio Grande do Sul*. In: RIBEIRO, Cleodes M. P. J.; POZENATTO, José Clemente. *Cultura, imigração e memória: recursos & horizontes*. Caxias do Sul: Educus, 2004.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Cortez, 2008.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus, 2002.
- XERRI, Eliana Gasparini. *Nova Prata: uma incursão na história*. Caxias do Sul: Educus, 2004.

Recebido em 24 de maio de 2009 e aprovado em 22 de junho de 2009.